"Loot" de Nadine Gordimer

Carolina Paganine e Gustavo Althoff

Ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1991, Nadine Gordimer é um dos grandes destaques da literatura sul-africana das últimas décadas, juntamente com o também laureado J. M. Coetzee. Por conduzir uma intensa atividade política ao longo da vida, Gordimer frequentemente pontua sua escrita com temas políticos que ora servem como pano de fundo, ora como mote para suas histórias. O conto "Loot", publicado na coletânea *Loot and Other Stories* (2003)[1] e aqui traduzido para o português, pode ser considerado uma alegoria em que a escritora perpassa o tema. No conto, um terremoto desvenda o passado e a história do lugar ao expor as profundezas do oceano, revelando segredos lá escondidos e causando uma comoção entre os habitantes, que dão início a uma grande "pilhagem". A narrativa é construída por meio de imagens inusitadas que se tornam linguagem por meio de combinações semânticas incomuns e períodos de pontuação fragmentada. Isso dá a "Loot" um caráter experimental e, por vezes, poético, que o diferencia do restante da prosa de Gordimer. Há apenas um personagem que se destaca em meio à população que pilha, e sua busca por um único objeto que só agora, após uma catástrofe, poderia ser encontrado, remete a uma

---

[1] GORDIMER, Nadine. *Loot and Other Stories*. London: Bloomsbury, 2004.

busca existencial que, ironicamente, há de ser também o fim de sua existência. Além disso, vale a pena apontar para as referências intertextuais que a autora faz a Shakespeare – por meio das expressões *sea-change* e *full fathom five*, cunhadas pelo bardo inglês em *The Tempest* – e, em conseqüência, ao poema "The Sea and the Mirror", de W.H. Auden.

Durante o processo de tradução, lidamos com questões como ritmo, pontuação e aliterações que apontam para o caráter não-convencional da narrativa mencionado acima. Quanto ao ritmo, atentamos para a escolha de palavras que não alterassem a cadência da leitura e para a não-substituição de certos itens lexicais por expressões explicativas, ao mesmo tempo em que buscamos respeitar o conteúdo semântico dos vocábulos. O uso da pontuação também cumpriu papel importante na tradução do ritmo. Aqui, prestamos especial atenção à utilização das vírgulas em alguns casos e suas ausências em outros, somente nos atendo a regras de como usá-las em nossa língua quando o uso no inglês não se caracterizava por esse experimentalismo descrito. Já quanto às aliterações, essas foram trabalhadas com o emprego do mesmo recurso em português, quando possível, combinado com o da assonância em alguns casos. Por fim, vale observar que a tradução do título – "Loot" – envolveu a escolha entre palavras de um mesmo campo semântico, mas com algumas sutis diferenças entre si: saque, espólio e pilhagem. Acabamos por escolher a última opção em função da similaridade entre sua acepção mais estrita e a descrição do ocorrido no conto.

Cadernos de Literatura em Tradução, n. 8, p. 71-78

Pilhagem

Era uma vez em nosso tempo um terremoto: mas este é o mais poderoso já registrado desde que a invenção da escala Richter nos possibilitou medir avisos apocalípticos.

Abalou uma plataforma continental. Esses tremores freqüentemente causam enchentes; este colosso fez o contrário, repuxou o oceano como se fosse uma inspiração profunda. O nível mais secreto do nosso mundo se revelou: o fundeado no mar – navios naufragados, fachadas de casas, candelabros de salão, vaso sanitário, baú de pirata, tela de tv, mala-posta, fuselagem de aeronave, canhão, busto de mármore, Kalashnikov, carapaça metálica de ônibus de turistas, pia batismal, lava-louças automática, computador, espadas embainhadas em cracas, moedas transformadas em pedra. O olhar fixo, perplexo corria por essas coisas; a população que havia fugido de suas casas tombadas rumo às colinas costeiras desceu correndo. Onde o choque terrestre e o estrondo os haviam aterrorizado, houve um silêncio desértico. A saliva do oceano cintilava sobre esses objetos; já se sabe que o tempo não existe, nem nunca existiu lá embaixo onde a materialidade do passado e do presente tal como estão não seguem uma ordem cronológica, tudo é uma coisa só, tudo é nada – ou tudo é possuível de uma vez.

As pessoas corriam para pegar; pegar, pegar. Isso era – quando, sempre, às vezes – valioso, aquilo poderia ser útil, o que era isso, bem, alguém vai saber, aquilo devia pertencer aos ricos, é meu agora, se você não apanhar o que está ali, outra pessoa vai, pés escorregavam e deslizavam nas algas e afundavam na areia encharcada, plantas aquáticas arfantes se escancaravam para eles, ninguém percebeu que não havia peixes, os habitantes vivos deste desenterramento tinham sido varridos e aniquilados pela água. A oportunidade comum de pilhar lojas, o que era rotina para as pessoas durante as revoltas políticas, não chegava nem perto. Um prazer orgiástico dava aos homens, mulheres e suas crianças força para alçar do lodo

e da lama aquilo que eles não sabiam que queriam, aceleravam o andar cambaleante enquanto vagavam, e isso era mais do que lucrar por obra do acaso, era roubar o poder da natureza frente ao qual haviam fugido indefesos. Pegar, pegar; enquanto catavam, conseguiam esquecer a destruição de suas casas e a perda de posses com o tempo acumuladas. Rasgavam o silêncio com seus gritos uns aos outros e sob esses grasnidos como os grasnidos das gaivotas ausentes eles não ouviram o distante aproximar de um som se formando como um vento forte se forma. E então o mar voltou, engoliu-os para somar ao seu tesouro.

Isso é o que se sabe; na televisão, reportagens que não tinham nada mesmo a mostrar a não ser a superfície peltre das profundezas, no rádio, entrevistas com aqueles poucos inválidos, tímidos ou prudentes que não haviam descido as colinas, e nos jornais, relatos dos corpos que por alguma razão o mar rejeitou, largados ao longo da costa.

Mas a escritora sabe de uma coisa que ninguém mais sabe; a mudança de maré na imaginação.

Agora escute: há um homem que quis um certo objeto (o que) durante toda a vida. Ele possui muitas – coisas – para algumas seu olhar freqüentemente se volta, logo deve gostar delas, para outras nem presta atenção, propositadamente, coisas que, é quase certo, não deveria ter adquirido mas não poderia descartá-las, há um abajur *art nouveau* perto do qual ele lê, e acima de sua cabeceira, uma gravura japonesa, um Hokusai, "A Grande Onda", não é que ele colecione objetos orientais, embora se o quadro estivesse na parede o encarando talvez fosse mais do que parte da decoração, está fora de vista atrás de sua cabeça há anos. Todas essas – coisas – mas não aquela.

Ele é um homem aposentado, há muito divorciado, escolheu uma antiga mas bem equipada vila nas colinas costeiras como o lugar de onde dar as costas ao assalto à cidade. Uma mulher do vilarejo

cozinha e limpa e não o perturba com qualquer outra conversa. É uma vida abençoadamente livre de emoções, ele já teve o suficiente desse tipo de perturbação, prazerosas ou não, mas a vista de seu mirante do que nunca poderia ter acontecido, do que nunca jamais poderia ter sido permitido, é como um imperativo. Ele é um daqueles que correm pelo cintilante leito do oceano, o passado – detrito=tesouro, um e o mesmo – desnudo.

Como todos os outros pilhadores com os quais não se mistura, não tem nada em comum, ele corre de objeto em objeto, revirando os cacos de porcelana pintada, as esculturas criadas pela destruição, abandono e ferrugem, barris de vinho envelhecidos pela água do mar, uma motocicleta de corridas atolada, uma cadeira de dentista, suas passadas aterrissando em costelas humanas e em metatarsos desintegrados, os quais não reconhece. Mas, diferentemente dos outros, ele não pega nada – até que: lá, ornado com tranças de alga marrom-alaranjada, incrustado com conchas nacaradas e ameias de coral vermelho, está *o* objeto. (Um espelho?) É como se o impossível fosse real; ele sabia que aquilo estava onde estava, sob o mar, era por isso que não sabia o que era, jamais pôde encontrá-lo. Só poderia ser revelado por algo que nunca houvesse acontecido, o maior paroxismo da nossa terra jamais medido na escala Richter.

Ele o apanha, o objeto, o espelho, a areia se derrama, a água que era o único brilho reluzente que restava escorre, o homem o leva de volta consigo, tomando posse enfim.

E a grande onda vem por detrás de sua cabeceira e o pega.

Seu nome bastante conhecido nos círculos do antigo regime na capital não está entre os sobreviventes. Junto com ele entre os esqueletos das últimas vítimas, com os antigos piratas e pescadores, estão aqueles jogados de aviões durante a ditadura, de modo que tendo o mar por cúmplice eles nunca seriam encontrados. Quem os reconheceu, naquele dia, onde jazem?

Nem cravos nem rosas flutuam.

A cinco braças.

Loot

Once upon our time, there was an earthquake: but this one is the most powerful ever recorded since the invention of the Richter scale made possible for us to measure apocalyptic warnings.

It tipped a continental shelf. These tremblings often cause floods; this colossus did the reverse, drew back the ocean as a vast breath taken. The most secret level of our world lay revealed: the sea-bedded – wrecked ships, facades of houses, ballroom candelabra, toilet bowl, pirate chest, TV screen, mail-coach, aircraft fuselage, cannon, marble torso, Kalashnikov, metal carapace of a tourist bus-load, baptismal font, automatic dishwasher, computer, swords sheathed in barnacles, coins turned to stone. The astounded gaze raced among these things; the population who had fled from their toppling houses to the maritime hills, ran down. Where terrestrial crash and bellow had terrified them, there was naked silence. The saliva of the sea glistened upon these objects; it is given that time does not, never did, exist down there where the materiality of the past and the present as they lie has no chronological order, all is one, all is nothing – or all is possessible at once.

People rushed to take; take, take. This was – when, anytime, sometime – valuable, that might be useful, what was this, well someone will know, that must have belonged to the rich, it's mine now, if you don't grab what's over there someone else will, feet slipped and slithered on seaweed and sank in soggy sand, gasping sea-plants gaped at them, no-one remarked there were no fish, the living inhabitants of this unearth had been swept up and away with the water. The ordinary opportunity of looting shops which was routine to people during the political uprisings was no comparison. Orgiastic joy gave men, women and their children strength to heave out of the slime and sand what they did not know they wanted, quickened their staggering gait as they ranged, and this was more than profiting by happenstance, it was robbing the power of nature

before which they had fled helpless. Take, take; while grabbing they were able to forget the wreck of their houses and the loss of time-bound possessions there. They had tattered the silence with their shouts to one another and under these cries like the cries of the absent seagulls they did not hear a distant approach of sound rising as a great wind does. And then the sea came back, engulfed them to add to its treasury.

That is what is known; in television coverage that really had nothing to show but the pewter skin of the depths, in radio interviews with those few infirm, timid or prudent who had not come down from the hills, and in newspaper accounts of bodies that for some reason the sea rejected, washed up down the coast somewhere.

But the writer knows something no-one else knows; the sea-change of the imagination.

Now listen, there's a man who has wanted a certain object (what) all his life. He has a lot of – things –some of which his eye falls upon often, so he must be fond of, some of which he doesn't notice, deliberately, that he probably shouldn't have acquired but cannot cast off, there's an art nouveau lamp he reads by, and above his bed-head a Japanese print, a Hokusai, 'The Great Wave', he doesn't really collect oriental stuff, although if it had been on the wall facing him it might have been more than part of the furnishings, it's been out of sight behind his head for years. All these – things – but not the one.

He's a retired man, long divorced, chosen an old but well-appointed villa in the maritime hills as the site from which to turn his back on the assault of the city. A woman from the village cooks and cleans and doesn't bother him with any other communication. It is a life blessedly freed of excitement, he's had enough of that kind of disturbance, pleasurable or not, but the sight from his lookout of what could never have happened, never ever have been vouchsafed, is a kind of command. He is one of those who are racing out over the

glistening sea-bed, the past – detritus=treasure, one and the same – stripped bare.

Like all the other looters with whom he doesn't mix, has nothing in common, he races from object to object, turning over the shards of painted china, the sculptures created by destruction, abandonment and rust, the brine-vintaged wine casks, a plunged racing motorcycle, a dentist's chair, his stride landing on disintegrated human ribs and metatarsals he does not identify. But unlike the others, he takes nothing – until: there, ornate with tresses of orange-brown seaweed, stuck-fast with nacreous shells and crenellations of red coral, is *the* object. (A mirror?) It's as if the impossible is true; he knew that was where it was, beneath the sea, that's why he didn't know what it was, could never find it before. It could be revealed only by something that had never happened, the greatest paroxysm of our earth ever measured on the Richter scale.

He takes it up, the object, the mirror, the sand pours off it, the water that was the only bright glance left to it streams from it, he is taking it back with him, taking possession at last.

And the great wave comes from behind his bed-head and takes him.

His name well-known in the former regime circles in the capital is not among the survivors. Along with him among the skeletons of the latest victims, with the ancient pirates and fishermen, there are those dropped from planes during the dictatorship so that with the accomplice of the sea they would never be found. Who recognized them, that day, where they lie?

No carnation or rose floats.

Full fathom five.